

A PSICANÁLISE NA TORMENTA - PSICANALISTAS BRASILEIROS TESTEMUNHAM

APRESENTAÇÃO: O BRASIL ATORMENTADO: O QUE DIZEM OS PSICANALISTAS?

Denise Maurano¹

Diante da eleição no Brasil de Jair Messias Bolsonaro, e do clima de tensão e animosidade gerado pelo período pré e pós eleitoral, a revista francesa *Psychologie Clinique*, número 47, sob a direção de Olivier Douville e de Claude Wacjman, publicou em 2019/1, num número intitulado *Clínicas Cosmopolites*, um espaço reservado para testemunhos dos psicanalistas brasileiros: “*A PSICANÁLISE NA TORMENTA : psicanalistas brasileiros testemunham*”

A partir de uma sugestão de Olivier Douville, Luiz Eduardo Prado de Oliveira, psicanalista brasileiro, radicado há muito na França, solicitou diversos psicanalistas e amigos da psicanálise que se manifestassem com comentários e ensaios relatando os impactos em suas clínicas desse discurso de ódio que tomou a cena brasileira.

As respostas a essa solicitação foram recolhidas, reformatadas, traduzidas e editadas numa bela elaboração de Prado de Oliveira, trabalho revisto e corrigido por Maryse Deleplancque e Laurent Le Vaguerèse, constituindo o conteúdo desse número especial de *Psicanálise e Barroco em Revista*, dando sequência ao número especial acerca do tema *Psicanálise e Política* que foi lançado em 2019.

O que nosso leitor encontrará nesse volume, não serão artigos no formato habitual de nossas publicações, mas ensaios e comentários que pretendem refletir

¹ Psicanalista, escritora, membro do Corpo Freudiano – Escola de Psicanálise (RJ) Correspondente da Association Insistance (Paris). Integrante do Movimento da Articulação das Entidades Psicanalíticas do Brasil. Editora chefe do periódico *Psicanálise e Barroco em revista*.

sobre o impacto da política atual brasileira no campo e mais especificamente, na clínica psicanalítica.

Assim, para começo de conversa, ao aceitarmos a proposta de publicarmos em *Psicanálise e Barroco* esse arquivo, não estamos ocupados em apresentar respostas, mas em fazer circular reflexões e em buscar saber como situar perguntas que tragam alguma luz à situação obscura que o Brasil atravessa nesse momento. Pensamos que esse modo de proceder diz da relação particular da psicanálise ao saber, revertendo a pretensão das respostas na potência das perguntas. Poderíamos, por exemplo, diante do que vivemos agora, nos perguntar:

- O que podemos esperar? Como compreendê-lo? O que fazer?

A primeira dessas questões nos remete a indagação de Alain Didier-Weill, psicanalista francês que nos deixou em novembro de 2018, porém continuando vivo através da fecundidade de suas ideias, nos convida a entrar no cânion psicanalítico que prospera nos limites entre a ciência e a arte. Ele se pergunta: - “Na aurora do terceiro milênio, o que resta ao homem que, ao se virar constata que todos os ideais que o haviam incitado a ter esperança, faliram?” E, ele propõe: - Então, é preciso esperar “o inesperado”.²

Mas o que será isso? Esperar o inesperado? Parece que enquanto psicanalistas temos a “obrigação ilimitada”, de transmitir a manutenção do pacto entre o universo simbólico e o real. O real bruto, tem se transformar num real humano. Segundo Didier-Weill é isso que faz a nós, psicanalistas e também aos artistas “os embaixadores do infinito”³. Expressão maravilhosa que indica que é o não recuo do pacto com a linguagem que podemos fazer face ao real e desdobrar nosso destino.

Sabemos que Freud nos advertiu que « onde isso estava é teu dever vir a ser” (*« wo es var, soll ich werden »*). Didier-Weill nos lembra que este imperativo universal nos engaja numa vocação de vir a ser, vocação de advir. Tarefa ilimitada que no nosso mundo contemporâneo foi invadida por respostas da ciência, da técnica e do dogmatismo religioso, num movimento que não reconhece que há algo de inesgotável, ilimitado e infinito. A seu ver, responder a isso sem forçar uma obturação, é tarefa dos artistas e dos psicanalistas. Sabemos que a significância não se esgota e se isso

² DIDIER-WEILL, Alain. *Un mystère plus lointain que l'inconscient*. Paris : Flammarion. 2010 P. 28

³ Idem, P.291.

provoca angústia, que assim seja. Só não podemos entrar na camisa de força de uma regra acabada.

Didier-Weill diz curiosamente, que é preciso nos abirmos ao espiritual, no sentido disso que comparece quando um sujeito tomado por um chiste, ou seja, por uma palavra de espírito (*mot de spirit*), sai da sideração e consegue “ressoar sem arrazoar” (« *résonner sans raisonner* »). Este é para ele “o ato místico por excelência⁴”

Essa afirmação bem se articula com a observação de Lacan em *O triunfo da Religião*: “Vocês vêem como são as coisas? As coisas são feitas de brincadeiras. Esta é talvez a via por onde se pode esperar um futuro para a psicanálise – será preciso que ela se volte suficientemente para a brincadeira.⁵”

E uma vez que a arte é a brincadeira dos adultos, é preciso tomá-la a sério, mas com muito riso. Não será essa uma arma poderosa para enfrentar a força anônima da bestialidade? Para fazer face ao imundo? Vocês perceberam a força que teve a jocosa autoproclamação à presidência da República do ator José de Abreu, com as medidas por ele anunciadas em seu “discurso de posse” no início de 2019? Acham que foi à toa o recente ataque ao programa *Porta dos Fundos*? O que será que o humor e a criação provocam em termos de desestabilização da bestialidade constituída?

Nesse sentido, talvez seja interessante recorrer à Thomas Mores, escritor inglês que em 1516 propõe chamar Utopia ao país imaginário no qual um governo organizado proporciona condições de vida a um povo equilibrado e feliz. Mas é importante salientar que para nós não se trata de fugir para um país imaginário, lugar que não existe, mas de conseguir ultrapassar o presente, o aqui e agora opressor que prima por nos deixar a impressão de que o imundo, a pulsão de morte, desamalgamada da vida, impera soberana.

Nesses momentos, vale a pressão ao contrário. Precisamos escapar do automatismo de repetição, que alimenta o ciclo avassalador que nos empurra do mal

⁴ DIDIER-WEILL, 2010, p.79

⁵ LACAN, *Le triomphe de la Religion*.FR: Seuil, 2005, p.77

ao pior. Como tem salientado Edson de Souza⁶ em suas reflexões sobre a Utopia citando Ernst Bloch, esta seria a categoria filosófica mais importante do século XX, justamente porque precisamos aprender a esperar, mas de um modo que não seja apassivador. Trata-se no caso de sonhar, não para dormir, mas para despertar. Ele destaca o valor da Utopia de ativar o desejo.

Precisamos “despertar” tanto no que diz respeito às nossas produções intelectuais, quanto à nossa atuação clínica. É preciso não apenas reagir, mas agir diante da toxidade do pior que invade nosso cotidiano através de um tsunami de informações estarrecedoras. Não podemos abrir mão do poder organizador da palavra, senão subsumiremos ao imundo, mundo desencadeado e enfurecido.

Pois bem, se o presente está inadequado, não nos basta apenas denunciá-lo, analisá-lo. Enquanto “embaixadores do infinito”, precisamos ligar o *savoir-faire* que nos conduz na clínica diante do Real avassalador, para a produção de uma nova forma de operar com a política. De modo a poder articular a crítica com a criação. Como salienta Edson de Souza, “é preciso um amanhã que nos salve do hoje”.

Mas, acreditamos que para isso, que não se trata apenas de ativar o desejo. Não se trata da busca do perdido, mas além ou aquém disso, do encontro com um vazio possibilitador, no qual a criação aponta um contra-fluxo. Revela que o ato criativo é um ato utópico, e, se critica a realidade, é um ato também político, transgressivo, e mais do que isso, é um ato transfigurador no sentido nietzschiano do termo. Ou seja, aquele que tem potência para reverter o horror em beleza, em arte. Algo que humanize o Real, única via de suportá-lo.

É importante pensarmos que a eficácia da utopia não está na sua realização, mas na inquietação fecundante que nos permite decolar do hoje. Talvez a utopia seja um meio de reencontrar a potência do desejo que ao abrir mão de buscar o objeto enquanto perdido, vai ao encontro, ainda que sem garantias, do objeto enquanto encontrado, que entretanto, só pode sê-lo enquanto objeto criado.

Talvez tenhamos que efetivamente diversificarmos nossas armas. Frente a força bruta da bestialidade, mais do que nunca precisamos de inteligência e astúcia. Assim, é com essa perspectiva que essa edição especial convida os leitores a

⁶ SOUZA, Edson Luiz Andre de. “Por uma Cultura da Utopia”. E-topia: Revista eletrônica de estudos sobre a Utopia. N. 12 (2011).

experimentarem os onze olhares aqui apresentados, e a se manifestarem a respeito, podendo inclusive, nos enviar suas impressões para uma possível publicação. Mantemos dessa forma, esse fórum aberto, que será tão mais rico, quanto mais puder contar com a sua inclusão.

A PSICANÁLISE NA TORMENTA - PSICANALISTAS BRASILEIROS TESTEMUNHAM⁷

Luiz Eduardo Prado de Oliveira

Olivier Douville

RESUMO

Existem alguns testemunhos sobre o impacto da ascensão do fascismo na prática da psicanálise e sobre as reflexões dos grupos de intelectuais a ela ligados. Raramente estiveram tão atrelados à tormenta quanto estes aqui. Como os psicanalistas em sua clínica reagem ao impacto desse discurso de ódio tão violento? E aqueles que são alvos desse discurso, os negros, os homossexuais, entre outros? Sabemos que o ódio visa a eliminar tudo o que lhe escapa, sendo ele é exclusão máxima. Apresentamos aqui algumas respostas de psicanalistas e amigos brasileiros a esses questionamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Clínica – psicanálise - luta - populismo - fascismo

⁷ Textos recolhidos, traduzidos e editados por Prado de Oliveira a partir de um projeto idealizado por Olivier Douville, revisto e corrigido por Maryse Deleplancque e Laurent Le Vaguerèse.

APRESENTAÇÃO

No final de 2018, com a eleição de Jair Messias Bolsonaro, o Messias, culminava um golpe de estado que se desenrolou durante dois anos, com o impeachment da Presidente Dilma Rousseff. Não foi um golpe de estado normal, tal como o descreve e analisa Giorgio Agamben⁸. Embora muitas de suas teses se apliquem perfeitamente à história do Brasil e, em particular, à história deste país em seu último século e pouco de existência. De fato, um dos maiores países do mundo em sua extensão geográfica sendo ao mesmo tempo um dos menores em sua importância política, confirma a principal tese de Agamben, “a exceção é a regra” – com seus corolários: o excepcional é banal, a transgressão é a lei, e outros tantos.

O golpe de estado do qual assistimos ainda as consequências, com a invasão do aparelho administrativo do estado pelo oficialato militar aliados às “milícias”, implicou a aliança do aparelho jurídico, representativo e militar em vistas de culpar Lula, aprisioná-lo e impedi-lo de concorrer à eleições das quais seu pífio adversário só sairia vitorioso nestas circunstâncias.

Foi um golpe de estado que se desenrolou em câmara lenta, o discurso odioso e raivoso, desnorteado e incompetente do Messias crescendo a cada dia, os erros do Partido dos Trabalhadores se empilhando um atrás do outro, e o desamparo das populações que sonham com um Brasil mais justo transformando-se em pesadelo.

Tivemos a ideia então de pedir a algumas e alguns psicanalistas e a algumas e alguns amigos da psicanálise de nos contarem como se traduziu em seus cotidianos a eleição do Messias, do “Mito” como o chamam seus seguidores. Os artigos que se seguem foram respostas à esta solicitação.

⁸ G. Agamben, *Stato di eccezione*, Torino, Bollati Boringhieri, 2003.

O BRASIL QUE MACHUCA

Esther Solano Gallego⁹

Espanhola, vivo no Brasil há oito anos. É a minha casa que escolhi e o país que me acolheu, são coisas que me pertencem, a mim. É um país que fascina, mas que machuca. A eleição de Bolsonaro machucou demais.

Há dois anos estudo este fenômeno. Entrevistei pessoas que elegeram Bolsonaro. A luta contra seu projeto antidemocrático tornou-se a minha vida. Fiz dela minha pesquisa, meu ativismo. Sempre acreditei que era fatal para a academia se esconder dentro dos muros, entre as elites, longe das pessoas. O conhecimento deve chegar às ruas e falar com as pessoas. Se não for usado para melhorar suas vidas, então é inútil. Coloquei meu conhecimento a serviço da sociedade brasileira. Nos meses que antecederam as eleições, dei tantas conferências e entrevistas à imprensa nacional e internacional que cheguei exausta às urnas, especialmente porque minha pesquisa mostrou que Bolsonaro não só ganharia as eleições, mas que seus projetos teriam êxito. A bolsonarização da sociedade brasileira é um fato. Durante minhas entrevistas, uma palavra foi repetida, de modo insistente: esperança. Bilhões de pessoas confiaram suas esperanças a monstros. Ainda não sei como interpretar isso. A compreensão de que o ódio é uma possibilidade real, é um verdadeiro soco no estômago.

Na noite da contagem dos votos, fui ao hotel alugado pelo Partido dos Trabalhadores para que seus militantes pudessem receber juntos os resultados. Não sou desses eleitores, mas essa escolha foi a escolha da democracia. Tenho uma memória epidérmica dos resultados nas telas. Um silêncio sepulcral. Foi uma noite de morte, luto e perda. O desânimo impediu-me de falar. A barbaridade tinha vencido, as palavras pareciam insignificantes, não diziam mais nada. Somente a dor e o silêncio falavam. Felizmente, meu companheiro esteve sempre ao meu lado. Na derrota, o amor permanecia, era a resistência, era a política.

⁹ Socióloga, professora da Universidade Federal de São Paulo, publicou o livro *O ódio como política*.

Era um domingo de luto, mas uma segunda-feira de luta. Acordei outra, pensando nos quarenta e sete bilhões de brasileiros que votaram no PT, com a memória das manifestações #EleNão que tinham lavado minha alma, certa de que o Brasil que escolhera Bolsonaro também escolhera deputados ativistas, negros, índios, transexuais. Que o Brasil merecia uma luta. Acordei com a ideia de que este poder queria tristeza e que seria um fracasso. Este poder e os fascistas odeiam a alegria, então, alegria e esperança contra eles.

NEGRO, PRETO, DE COR UMA POPULAÇÃO E AS ELEIÇÕES

*Silvio de Almeida*¹⁰

Quando me perguntam como me senti depois das eleições de 2018, respondo, sem qualquer cinismo, que me sento normal. Normal, sim. Normal significa “muito mal”. Normal não é sinônimo de natural. Normal significa que eu, negro, experimento o que outros sofrem todos os dias - violência, racismo, exploração. Muitos consideram este novo governo uma “exceção”, legitimada pelo voto. Por isso, digo que o ódio, a violência e o racismo se tornaram aberta e explicitamente a norma, uma forma de governar.

Como pode um país que até ontem era considerado uma democracia, jovem, mas estável, agora se destrua de modo econômico, social e político? Como pode o país da diversidade, da “democracia racial”, eleger alguém sem qualquer compromisso com valores democráticos, cujas propostas defendem a destruição de um frágil sistema de proteção social? As respostas a isto são baseadas em dois eixos.

Primeiro, a violência, especialmente contra os negros, sempre foi central no Brasil. Em 2017, houve aqui sessenta e três mil oitocentos e oitenta assassinatos, números de países em guerra¹¹. Setenta e um por cento destes homicídios atingem jovens negros. Durante anos, este verdadeiro genocídio foi denunciado. A análise de gênero é ainda pior. A mortalidade entre as mulheres brancas diminuiu sete vezes e meia, enquanto a de mulheres negras aumentou vinte e dois por cento. O Brasil, portanto, aceita a violência racial como normal, apostando ingenuamente na Justiça para a contenção da barbárie. No entanto, a violência racista diária depende da participação ou, pelo menos, da conivência do sistema judicial. A crise que começou em 2013 destruiu as últimas barreiras contra este sistema e seus agentes, o que lhes deu uma aura de imparcialidade e legalidade. Agora está claro que a exceção é a verdadeira ordem, e que políticos “iluminados” ou “moderados” se tornaram

¹⁰ Advogado, Presidente do Instituto Luiz Gama e professor da Fundação Getúlio Vargas.

¹¹ IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

disponíveis. Hoje, no Brasil, “ordem” e “violência” são sinônimos, especialmente para minorias e defensores dos direitos humanos.

O segundo eixo é composto por conflitos envolvendo benefícios públicos - transferências sociais de renda (apoio às famílias pobres - bolsa família - e cotas raciais de acesso às universidades), instituídos pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Uma intensa campanha conduzida pela imprensa e através das redes sociais financiadas por empresas nacionais e internacionais teve como objetivo acabar com os benefícios sociais. O racismo desempenhou um papel central nestas campanhas, uma vez que as populações negras foram as principais beneficiárias dessa transferência social. A morte de pessoas de cor será mais aceitável se estiverem fora da escola ou com educação precária.

Sabemos que o Império tenta em suas colônias e em relação às suas minorias fazer valer a opressão que estenderá a todos. Esta deterioração do tecido social e político ocorreu num país que nunca enfrentou os traumas da sua história e quis acreditar que só a legalidade os ultrapassaria. O Brasil nunca encarou as consequências de uma escravidão que terminou há pouco mais de um século, nunca enfrentou seus períodos ditatoriais e nunca projetou um currículo escolar que pudesse estudá-las e forjar valores democráticos consistentes.

No final das contas, o racismo estrutural da sociedade brasileira atacará até mesmo os brancos que se opuserem ao “capitalismo do caos” com o qual o governo eleito sonha.

Recordemos, no entanto, que os negros têm resistido há séculos de violência. O estudo da nossa capacidade de resiliência ajudará na formulação de novas formas de organização política e estratégias para combatê-la.

“TUA HORA VAI CHEGAR”: AMEAÇAS CONTRA PESSOAS LGBT NO BRASIL

*Lucas Bulgarelli*¹²

Foi alguns dias antes da eleição de Bolsonaro. Meu companheiro e eu saímos de mãos dadas. Não muito longe de casa, em um carro, dois homens olhavam-nos, suas mãos como revólveres apontadas para nós, símbolo da campanha Bolsonaro, que prometia o porte generalizado de armas. Soltamos as mãos um do outro. Pouco depois, virei-me. Estavam sempre nos observando, brincando de nos matar.

Eu escrevia sobre a crescente violência contra pessoas LGBT, sobre os paradoxos de um país que fez da diversidade e da transgressão uma mercadoria de exportação, e onde um número expressivo de pessoas se manifestaram contra todos os tipos de diferenças.

Esse infeliz incidente me fez perceber que a própria violência contra pessoas LGBT era uma nova transgressão. A eleição de um presidente com declarações homofóbicas tornara-se suprema perversão. Somos o país do mundo onde mais LGBTs são mortos, de acordo com a *Transgender Europe*. Os assassinatos de LGBTs, acompanhados de desfiguração, são tão frequentes que já não dão manchetes. Durante as eleições, isso piorou, pois o país estava vivendo a espera da legalização do crime. Ao mesmo tempo, o ódio contra personalidades e representantes LGBTs ou contra sua comunidade difundiu-se nas redes sociais, ou em determinados grupos de imprensa ou canais de televisão ligados a grupos religiosos. Dois tipos de ameaças são claras: o assassinato, para “limpar a sociedade”, e a normalização do aviso “sua hora vai chegar”.

Essa propaganda legitima a discriminação. Um “Brasil melhor” significa agora a eliminação de alguns de seus cidadãos, defendida pela plataforma programática do representante eleito. LGBT's, feministas, índios, negros, aqueles que fizeram e fazem campanha defendendo um teto para morar ou por terras para trabalhar, estudantes, todos são alvos, visados por políticos, por grupos religiosos, por personalidades de

¹² Antropólogo, contribuidor de *O ódio como política*, E. Solano (org), São Paulo, Boitempo, 2018.

direita, como o ex-ator pornô que se tornou deputado bolsonarista, como outros criminosos, também derrotados nas urnas, que são então indicados como membros do governo em nome da luta contra a corrupção. É a institucionalização da perversão em nome da luta contra os dissidentes. Provavelmente, as declarações democráticas não serão suficientes contra ela.

MEMÓRIAS ELEITORAIS

*Rafael Alves Lima*¹³

Como estudante de doutorado na Inglaterra, não votei. O Colégio Andradas, em Santos, é o meu local de votação, na praça em frente à casa da minha avó materna, Dona Maria, onde, quando criança, jogava futebol entre bicicletas apressadas, cães vadios e chicletes que comprávamos de uma outra Dona Maria. À noite, as crianças não podiam brincar lá fora. Eram os irmãos mais velhos que ocupavam as ruas, de bicicleta, vendendo algo aos transeuntes apressados. Votar, para mim, é voltar às cenas da infância, aos jogos do dia e ao medo da noite.

“A festa da democracia”, dizem. Durante algum tempo, fez sentido para mim. Confetes, os milhares de papéis no chão que costumávamos levar para fazer bigodes ou chifres nos políticos. Ninguém parecia se preocupar com a votação, todos traziam o nome de seu candidato num pedaço de papel para lembrar de seu número ou pegavam um panfleto qualquer no chão, heranças da nossa ditadura, quando até podíamos votar, mas não adiantava nada. Havia vestígios da ditadura no Brasil.

A eleição de Bolsonaro me lembra os pobres, os negros e os periféricos da minha infância, minha origem social e familiar, aqueles que entendem a política como uma festa da elite na televisão, porque a vida é em sua essência, como sempre, muito difícil. Há um ditado que diz que, se a voto mudasse alguma coisa, teria sido proibido, e mesmo que mude alguma coisa, há aqueles para quem nada muda. Além disso, a revolução parecia ser um insulto aos ouvidos dos reformistas dominantes. O golpe de Estado de 2016 revestido de legalidade já anunciava as eleições de 2018. O golpe de misericórdia foi impiedoso: tantos sentimentos pulverizados que os reduzir ao ódio ou à vingança seria puro psicologismo. A psicanálise poderia oferecer uma antropologia da política e uma etnologia das eleições, porque o voto é uma expressão de localização social, de classe, de raça e de gênero, um projeto para o futuro, com pressa de se afirmar. Durante os resultados, ouvi no rádio um dos meus comentadores

¹³ Doutorando em cotutela, Christian Duncker, USP, São Paulo, e Julia Borossa, Middlesex University, Londres. Tema : “Psicanálise durante a ditadura militar (1964-1985). História, clínica e política.”

favoritos dizer, “A vida está realmente mudando... quero dizer, para pior.” Chorei. Digo aos jovens sem dinheiro no banco, sem pais ricos e vivendo ao longo da costa, nada é divino, nem maravilhoso, nem misterioso. Continuamos na Praça, Donas Marias, futebol, crianças, irmãos mais velhos, cães vadios e transeuntes, para o desespero dos neofascistas no poder, resistimos, dia e noite, a luta, como sempre.

UM ATO “WHATSAPPICO”?

Denise Maurano¹⁴

Eis que como um tsunami, sem que pudéssemos imaginar, a onda Bolsonaro foi crescendo, e com ela, para muitos de nós, um intenso afeto foi nos tomando. Não se tratava de angústia. Era mesmo a agonia, dessas que acompanham os momentos derradeiros.

Essa agonia se espalhou por todos os espaços e nisso, não poupou os consultórios de psicanálise. A cena política invadiu todas as intimidades e pôs a nu o debate que báscula entre a neutralidade, a negligência e a abstinência do analista. Nós analistas, fomos pressionados, de diferentes modos, a nos pronunciarmos, seja na cena pública, seja na privada. Nesse contexto, na clínica, quatro tipos de experiência me marcaram. Numa delas escutar a defesa do bolsonarismo, consonante com o estilo do paciente, exigia de mim uma abstinência resignada. Na outra, ouvir acerca do ressentimento quanto ao ex-presidente Lula e seu partido, ensurdecia a analisante quanto às informações acerca do candidato salvador. O não querer ver, não querer escutar, me permitia um questionamento a respeito. Tanto a paixão ressentida, quanto o não querer saber, para manter a esperança num mestre salvador, puderam ser tocados. O que me propiciava uma abstinência que poderíamos chamar de investigativa.

Outra experiência foi a que mais pôs em risco a abstinência. Aquela do espelhamento identificatório, onde vivíamos o risco de nos colocarmos em tal concordância com as críticas e o discurso político do analisante que a escuta efetivamente analítica ficava secundarizada no calor da sideração pela paixão política.

Mas foi com Ester, que tive a provocação mais instigante. Ela havia feito um belo percurso de anos de análise, e há alguns meses, dando-se por satisfeita, resolveu que era hora de parar. Efetivamente, sua posição na relação com a vida havia se transformado completamente. Anos atrás, indicada por um médico, ela havia chegado a mim em surto, com um diagnóstico de psicose. Médica notável, contando em torno

¹⁴ Psicanalista, Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, professora.

de 60 anos, diretora de um hospital público, ao qual ela havia se dedicado integralmente com todo rigor e disciplina, ao ver seu serviço desmantelado e tendo sido premiada a se afastar, se desestruturou. Viu-se paranoicamente perseguida por tudo e todos. Não imaginava como poderia existir sem "o seu serviço", como dizia, e por vezes, acordava à noite apavorada com a sensação física de estar dormindo, não com seu marido, mas com seu pai. Tomada de um grande amor por este último, até mesmo a escolha da profissão, tinha sido decorrente da tentativa de salvá-lo de um câncer fatal.

Bastante colaborativa com a análise, a transferência pode funcionar e o trabalho fluiu de vento em popa. Efetivamente, o diagnóstico de psicose revelou-se completamente equivocado. Ester transpirava histeria. Numa ávida relação com o saber, surpreende-se um dia, quando escuta de si mesma, referindo-se à sua saída do "seu serviço": - "Não é nada fácil sair do meu quartel general." Sublinho o significante "quartel general" e imediatamente, ela o associa à sua relação com seu pai e se dá conta de que pautou sua vida pela disciplina militar dele, que havia sido general do exército e participado ditadura. Dizia ressoar nela a frase repetida por ele, aos filhos: "- Cuidado, porque como general, serei eu, que pagarei pelas faltas de vocês." Apercebe-se que a extrema rigidez tanto consigo mesma, quanto com os outros, a qual sempre se submeteu, lhe custava muito, porque não a reconhecia como sendo algo que estava na sua natureza. Surpreende-se ao reconhecer nisso, uma estratégia para seduzir seu pai, fazer-se tal qual ele. Da mesma forma que quando criança ia com ele pescar e fazer todos os programas "de menino", a fim de conquistar o lugar de favorita.

Estão ao "sair do quartel general", teve que se haver com o luto por sua morte, que estava por ser feito, já que na época do falecimento do pai, desviou-se da dor casando-se com um homem semelhante a seu pai e entrou no hospital, do qual veio a tornar-se diretora, "tolerância zero", fazendo-o tal qual seu pai.

Estou contando essa história porque, essa mulher que valeu-se da análise, "mudando da água para vinho", como ela se orgulhava em dizer, decide "finaliza-la", reaparece um ano depois, na época que antecedeu as recentes eleições, via mensagens de apoio a Bolsonaro, a mim enviadas por WhatsApp. O que muito me

surpreendeu, não apenas pelo percurso acima descrito, como também pela escolha do serviço público e a dedicação às causas sociais.

Me abstive de responder, tal como fiz com tantos outros, mas, no caso de Ester, depois da terceira mensagem que ela me enviou, me dei conta que todas, tinham em comum, um apelo à organização militar. Bolsonaro parecia encarnar a volta do pai militar.

Foi então que, frente a particularidade desse caso, no qual o militar não era qualquer coisa, percebi que me manter abstinente, sem nada responder seria ser negligente. Fiz então um ato “WhatsAppico”. Mandei-lhe uma mensagem dizendo: - “Ester, vale o caminho de volta ao quartel general? Gostaria que viesse me falar disso na sua análise.”

As mensagens pararam. Até agora silêncio total. Vamos ver o que segue.

Não foi sem hesitação que enviei essa mensagem, até porque, sendo a transferência uma via de mão dupla, havia nessa intervenção, uma ponta de satisfação por ter sido autorizada a intervir. Uma esperança inconfessável, mas aqui confessada, de demovê-la de ir na direção do Bozo e, ao mesmo tempo, um alívio por ter podido me manter abstinente, fiel a ética que nos move.

Todos fomos postos à prova, nessa tempestade política que nos assolou, e que mantém o céu carregado e cinzento, mas que nos dá oportunidade de estabelecermos o mais precisamente possível a fronteira entre a negligência irresponsável, na qual o analista se ensurdece e se esconde no medo de seu ato; a neutralidade hipócrita, na qual exhibe a falsa posição de não ter posição; e a abstinência necessária que sustenta nossa ética. Afinal o “eu” do analista, tem mesmo que ficar pendurado na sala de espera. É somente dessa última posição, que podemos intervir em consonância com a divisão que e se faz absolutamente indispensável entre a pessoa que somos, e a função que ocupamos. Vamos em frente!

ENTRE O MEDO E A PARANOIA ENTRE HASHTAG E INTERPRETAÇÃO

*Liana Albernaz de Melo Bastos*¹⁵

O agravamento da crise e a campanha presidencial trouxeram a política de volta ao meu gabinete, com pacientes de classe média.

A política através das redes sociais expandiu-se. Uma das resistências mais fortes ao candidato de direita veio de grupos de mulheres. O programa misógino e homofóbico reuniu-as sob a hashtag #EleNão e gerou manifestações de mulheres em todos os lugares, reunindo milhares de manifestantes de minorias atacadas.

A extrema-direita fez uso extensivo das *fake news*. Um dos seus alvos eram os movimentos de mulheres. Imagens pornográficas foram associadas a elas desqualificando o feminismo. O discurso moralista encontrou eco nos movimentos pentecostais.

Durante as eleições, a polarização do país tornou-se radical. A eleição do candidato de extrema-direita significou que aqueles ameaçados por declarações fascistas tentaram se proteger. Criámos uma nova hashtag, #ninguém deixa ninguém para trás. Oscilamos entre medo e paranoia.

IMEDIATAMENTE ANTES DAS ELEIÇÕES

L. é uma jovem que sofre de grave doença autoimune quiescente, com grandes dificuldades de associação e lacunas de pensamento. Até então, a situação política não tinha surgido durante suas sessões.

L.: “Ontem foi meu aniversário, meu marido e eu decidimos não comemorar com nossos amigos. Tínhamos medo das discussões. (pausa longa). Você sabe, muito ódio...”

¹⁵ Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, professora de Psicologia Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Eu: “#EleNão. #VocêSim.”

L. sorri, aliviada.

LOGO DEPOIS DAS ELEIÇÕES

A filha de R., adulta, voltou a morar em casa, tendo perdido o emprego. Ontem à noite, chegou com uma amiga, que tinha sido agredida pelo noivo, saiu de casa sem nada.

R: “Esta humilhação terrível das mulheres. Ainda mais agora, com este novo presidente... o nosso sofrimento é total. (Ela chora). Já não sei o que fazer para ajudar minha amiga.”

Eu: “Ninguém deixa ninguém para trás.”

R: “Lembro-me das humilhações que sofri quando criança e com X (o seu ex-marido, que a maltratava, daí a sua vinda à análise). Consegui sair disto. Encontrei forças...”

Que saiba que não está sozinha.

EU, MIRIAM, NEGRA, PSICÓLOGA, PETISTA

Miriam Oliveira Sousa¹⁶

Nasci em 1958 na favela da Rocinha, Rio, e meu irmão dois anos depois. Meu pai era guarda florestal, negro, compositor de samba; minha mãe era mestiça, dona de casa, católica praticante, nascida em Pernambuco, de onde partiu ainda criança com sua família, camponesa em busca de uma vida melhor aqui no bairro de Deodoro.

Minha mãe e meu pai mudaram-se para a Rocinha. Quando criança, mudamos para a favela da Gávea. Nossas condições eram precárias, mas adorava ir à praia com nossa mãe. Também visitávamos meus avós. Minha avó lia jornais em voz alta, comentava notícias, contava histórias de invasões holandesas, do cangaço de Lampião. Meus avós viviam de sua horta e da quinta, em casa de barro, com água vinda de poço natural. Quando eu tinha cinco anos, tivemos que mudar para a favela da Cité Alliance por causa da “reforma urbana”. Meu pai vivia de trabalhos próximos ao hipódromo até se tornar guarda de praças e jardins, enquanto continuava pagando contas do final do mês com venda de frutas nas praias. Meu irmão e eu fomos para a escola comunitária, sonhando em aprender inglês, mas nossas condições financeiras não o permitiam. Só muito mais tarde pude ir para a universidade, graças a programas de assistência a estudantes pobres.

Formei-me em política na Igreja, com a chegada de um sacerdote italiano que nos introduziu à Teologia da Libertação, à história do Brasil, que nos falou da ditadura, de música popular, que nos levava ao teatro, às colônias de férias. Desenvolvemos um pensamento crítico e começamos a militar na comunidade, por nossos direitos e por melhores condições de vida.

Em 1980, criamos o Partido dos Trabalhadores. Em 1989, fui para a universidade; afastei-me da militância, mas continuei com o partido. Em 1995, formei-me em psicologia, psicodrama psicanalítico.

Trabalhei em serviços integrados de saúde mental no Sistema Único de Saúde (SUS) promovido por Lula entre 2003 e 2011, depois por Dilma. Trabalhei em Centros

¹⁶ Psicóloga clínica, ativista, desempregada.

Psicossociais com pessoas com doença mental, sem internação, na Saúde da Família, localizadas em áreas residenciais, com enfermeiros e médicos de família, um sistema de prevenção focado no paciente como sujeito, espinha dorsal da expansão de serviços nunca vista no Brasil. Com a Assistência Social, foram garantidos os direitos da população vulnerável de rua, crianças, adolescentes, adultos e idosos, cuja prioridade era reinserção comunitária e atendimento humanizado.

Em 1996, nasceu minha filha Sara, negra como eu. Ela estudou nas melhores universidades através de programas de ajuda a estudantes desfavorecidos, inglês na Cultura Inglesa, com bolsa de estudos integral, para o francês na Aliança Francesa. Ela estuda e faz seus estágios, enquanto trabalha como recepcionista em grande hotel.

Com o golpe de Estado institucional contra Dilma em 2016, o mercado de trabalho entrou em crise, fui demitida após a eleição de um governador evangélico, que não está interessado em programas de saúde, assistência e educação. As eleições confirmaram o golpe de Estado e o desmantelamento de tudo o que foi feito durante muito tempo. Estou de volta à militância e à participação em grupos de resistência política.

VISÃO GERAL DO IGNORÓDIO NO BRASIL

Antonio Quinet¹⁷

No Brasil, um discurso fascista que autoriza, banaliza o mal e finalmente o legaliza está no poder. A intolerância à diferença está se tornando a regra e permite que eleitores conservadores de Bolsonaro cometam atos de violência contra gays, negros, mulheres, opositores do pensamento único que se impõe, apaixonado. Quem o apoia, se orgulha. São tempos de incitamento a uma política de ódio, combinando duas paixões - ódio e ignorância. É o *ignoródio*. O debate torna-se insulto, a razão, violência, os argumentos, as mensagens enviadas massivamente online, a imbecilidade, visando o estabelecimento do Estado neopentecostal com destruição da saúde e educação públicas, e estabelecimento de um governo ultraliberal, que vê “comunistas” em todo o lado e considera que educação sexual nas escolas é “doutrinação homossexual” e imposição de “ideologia de gênero”. Que resiste é alvo do *ignoródio*.

O *ignoródio* é fundamento da ignomínia, cujo alvo é o outro, destituindo-lhe de seu nome de sujeito, tratando-o como abjeto, seja uma mulher, com o machismo, ou gay, com homofobia, ou negro, mestiço, índio, para os racistas.

A base do racismo é o ódio pelo gozo do Outro, diferente do meu. O negro é hostilizado devido à sua “malícia” e “promiscuidade”, por “não ser sequer útil à procriação”, o gay por seu gozo fora da norma porque “não foi punido”, o índio por sua “indolência”, e as mulheres por serem “ordinárias”. A direita quer forçar os gays a regressarem ao armário, as mulheres a regressarem às pias, os negros às senzalas e os adversários às prisões escuras ou ao exílio.

Os filhos do pai de *Totem e Tabu* mataram o tirano do mito freudiano; os filhos do pai fascista identificaram-se cegamente ao “Mito” (como fanáticos chamam Bolsonaro) e perseguem seus inimigos, procurando “acabar com preguiçosos”, cumprindo a promessa de “fazer uma limpeza como nunca vista”. Este projeto

¹⁷ Psicanalista, Fórum do Campo Lacaniano, psiquiatra, doutor em filosofia, professor de doutorado em psicanálise da Universidade Veiga de Almeida, dramaturgo.

eugenista visa limpar qualquer gozo anômalo e instalar ordem e progresso em nome da família, da pátria, de Deus e do capital.

Cabe-nos a nós, psicanalistas no Brasil, o dever de lutar pela diversidade do impulso sexual, pela livre associação de cidadãos e ideias, contra a rejeição do saber, pelo sujeito do desejo que é também sujeito da história, e pela singularidade do sintoma de cada um, por sua maneira de desfrutar de seu inconsciente.

DA FRENTE AMPLA AO POPULISMO PSICANALÍTICO EMERGÊNCIAS POLÍTICAS

Prado de Oliveira

O EBEP (Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos), correspondente brasileiro do Espaço Analítico, tem desempenhado um papel importante no Rio de Janeiro na mobilização de psicanalistas face à catástrofe política que se abate sobre o país, em pelo menos três ocasiões cruciais.

Enquanto muitas instituições estavam redigindo textos similares, coube à EBEP desenvolver e disseminar um Manifesto de Psicanalistas Brasileiros pela Democracia¹⁸. Cerca de setenta instituições psicanalíticas brasileiras o assinaram, comprometendo-se a lutar pelos princípios democráticos. A intimidade entre política e psicanálise tornou-se óbvia. Mesmo que sempre tenha existido e marcado as origens da psicanálise, agora no Brasil ela explodia com a mesma urgência própria que tomou os pioneiros da disciplina em Viena. Os livros ligando política e psicanálise se multiplicavam¹⁹.

Neste clima de urgência, enquanto em São Paulo o Fórum do Campo Lacaniano e os professores de psicanálise da Universidade de São Paulo, reunidos em torno de Marilena Chaui, Vladimir Safatle e Christian Duncker, convocavam reuniões, no Rio o Manifesto foi utilizado pela EBEP para convocar uma primeira assembleia reunindo cerca de 200 psicanalistas, para discutir a convocação de uma segunda reunião, dirigida desta vez a instituições psicanalíticas, visando organizar uma Frente Democrática; convocando os psicanalistas a se instalarem nas ruas, com o povo, entre os dois turnos da eleição presidencial. Criou-se também uma lista de participantes do encontro no WhatsApp, com o objetivo de divulgar rapidamente

¹⁸ Na França, assinaram e divulgaram este manifesto, *Œdipe*, com Laurent Levaguerèse, Appel des appels, com Roland Gori, Espace Analytique, com Alain Vanier, Société de psychanalyse et médecine, com Danièle Brun, *Psychologie clinique*, com Olivier Douville, reunidos na lista “Démocratie Brésil”, com Prado de Oliveira.

¹⁹ A título de ilustração: J. Birman et C. Hoffmann, *Psicanálise e Política: uma nova leitura do populismo*, 2018; M. Debieux Rosa, M. da Costa e S. Prudente, *As escritas do ódio, psicanálise e política*, 2018; “Política I”, *Revista Brasileira de Psicanálise*, sob a direção de M. Massi, 2018, primeiro de uma série de três números dedicados ao tema.

informações e tornar presente o grupo para psicanalistas disseminados em todo o Brasil.

Esta lista usando as redes sociais, “Psicanalistas Unidos”, ligou-se a uma lista similar criada em São Paulo, “Psicanalistas Democracia” e em Paris, “Brasil Democracia”. As 3 listas somam hoje mais de 300 participantes.

Quanto ao convite feito aos psicanalistas para irem ao povo, saindo de seus consultórios e indo às praças, “Psicanalistas na Praça” ou “nas Ruas”, muitos de nossos colegas foram às praças do Rio com placas indicando quem eram, psicanalistas, cadeiras e bancos para receber interessados e discutir o sofrimento causado por campanhas políticas animadas pelo ódio. “Você está sofrendo com as eleições?” “Vamos conversar?” - diziam os cartazes.

Há anos já encontrávamos pequenos grupos psicanalíticos cujas denominações se referiam à psicanálise populista, como “Psicanálise na Praça” no Rio Grande do Sul, “Psicanálise na Praça Roosevelt” em São Paulo, “Psicanálise na Rua” em Minas Gerais, e até mesmo um “Psicanálise no Jacarezinho” (favela). “Comunidades” e “periferia” tornaram-se as palavras de ordem de um populismo psicanalítico revolucionário, antes dos grandes encontros no Rio de Janeiro ou em São Paulo. “Populista” originalmente se refere ao movimento de instalação dos intelectuais junto ao povo na Rússia czarista, por volta dos anos 1870. Mais tarde, lá pelos anos 1950, a palavra passou a incluir outro significado, significando agora políticas demagógicas de dirigentes populares.

O futuro anuncia-se perigoso para a psicanálise e para o povo brasileiro. Os psicanalistas têm-se colocado na primeira linha de enfrentamento destas ameaças à democracia graças ao Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos, ao Fórum dos Campos Lacanianos e a Sociedade Brasileira de Psicanálise.

O BRASIL MOSTRA A CARA

Vera Iaconelli²⁰

Depois de uma luta incessante durante as últimas eleições, buscando enfrentar um espetacular movimento retrógrado, saímos abatidos e perplexos, diante do impensável: o discurso e a reza lamentáveis de Jair Messias Bolsonaro. “Incrédulos” seria uma palavra fraca para descrever a nossa condição.

Escrevo chocada de ter reconhecido nosso descuido diante dos sinais que circulavam por toda parte, anunciando o que estava por vir, prisioneiros da ilusão do discurso democrático, inclusivo e sensível às minorias, bem como da ilusão de falar aos brasileiros na nossa transmissão da psicanálise, quando estávamos na verdade apenas falando a nós mesmos.

Caetano Veloso (1978) nos advertiu quando cantou que “Narciso odeia o que não é seu espelho”. Vivendo entre nossas universidades e nossos escritórios frequentados por nossas elites ignoramos a ameaça, nosso passado escravagista, misógino e de classes, acreditando no poder da lei, que pode ser transgredida, modificada, oposta. A criação de uma consciência ampla e o reconhecimento aprofundado da nossa história não teria sido possível sem confrontarmos nosso passado recente, marcado pela tortura e pela ditadura. Tivemos raros momentos de democracia em quinhentos anos de história.

Em meu consultório, coisa rara, no início de cada sessão, um analisando após outro, todos sublinhavam o desespero da situação com frases idênticas, angústia palpável. Então, todos experimentaram o evento comum a partir de sua própria perspectiva singular. Nesta triste ocasião, aprendemos sobre as ligações entre estrutura e história.

Reunimo-nos com o objetivo de criar uma frente de Psicanalistas pela Democracia sem a pretensão de falar em nome da psicanálise, mas em busca de vínculos que nos fortaleceriam diante da ameaça de uma proibição da própria

²⁰ Psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano, jornalista da *Folha de São Paulo*, autora de *Mal-estar na maternidade, do infanticídio à função materna*.

psicanálise. Superamos nossas divergências em nome da luta comum contra a barbárie.

Atravessando o tempo da compreensão, no luto de nossas ilusões, chegamos ao momento da conclusão. O mais significativo foi então a abordagem singular de cada um nas ruas. Com uma cadeira e um cartaz, saímos de nossos consultórios e nos dirigimos ao povo. Nossos cartazes diziam: “Vamos falar de política?”, “Tem dúvidas sobre o voto?” E as respostas eram muito mais ricas do que as das nossas redes sociais. Conseguimos até acreditar em nossa capacidade de mudar realidades.

Devemos permanecer presentes em nossas ruas, contando com a psicanálise em extensão, sem perder de vista a psicanálise em intenção. Terminando nosso isolamento, devemos mover nossa escuta bem além dos muros entre os quais nos trancamos em nossas torres de marfim.

PSICANÁLISE NA PRAÇA

Vera Iaconelli
Prado de Oliveira

Na Praça Roosevelt, psicanalistas oferecem sessões gratuitas. Um adolescente aproxima-se e pergunta se pode ver um psicanalista. Seu nome está na lista de espera. O sol queima, meio-dia, centro de São Paulo. Pirâmides de cadeiras empilhadas, cartaz dizendo “Consultas de psicanálise sábado de 11 a 15”, psicanalistas e pacientes se afastam em busca de um lugar para sentar-se e conversar. Aterrissarão onde sombras os receberão e uma sessão de análise gratuita será realizada para falar sobre si mesmo e ser ouvido. Nada é gratuito para quem é socialmente desfavorecido porque sua escolha custa transporte, tempo, disposição, esforço e coragem.

Pouco mais longe, cadeiras em círculo, psicanalistas organizam grupos abertos de estudo. Quase sempre um sem-abrigo se aproxima e escuta atentamente. Eles também se quiserem são recebidos o mais rapidamente possível. Para organizar as filas e contar o número de sessões, o caderno vermelho com os nomes de quem está à espera, nomes marcados à medida que avança a tarde. Moradores de outros bairros, tendo visto a oferta no Facebook ou ouvido falar de boca em boca, vêm à Praça, às vezes com um psicanalista fixo, às vezes com os que estão disponíveis. Às vezes são pacientes encaminhados por serviços públicos sobrecarregados, numa curiosa inversão.

De modo a não perturbar o espaço público, o coletivo de Psicanálise da Roosevelt teve que conquistar a confiança de sindicatos e porteiros dos imóveis, de policiais das proximidades e aprender a evitar a eterna curiosidade daqueles que tentam se aproximar para ouvir conversas íntimas. A Praça e a sua vida cotidiana constituem o quadro das sessões.

Um teatro próximo abre-lhes as portas gratuitamente em dias de chuva, um vizinho guarda as cadeiras, libertando os psicanalistas desta cruz diária.

O coletivo de Psicanalistas da Praça Roosevelt é formado por jovens com sólida formação universitária, das melhores universidades, que escreveram artigos em revistas especializadas. São apoiados por psicanalistas de renome, seus supervisores. Outros coletivos oferecem esse mesmo tipo de trabalho em São Paulo e em outras capitais brasileiras. Estes grupos, embora inspirados por diferentes teorias, mantêm intercâmbios sobre questões fundamentais relacionadas com as suas práticas, tecido essencial de apoio mútuo.

A psicanálise nasceu e desenvolveu-se supostamente isolada do mundo, segundo o modelo da consulta médica tradicional da histeria, incluindo o uso do divã. Abandonando-se a esse dispositivo confessional, os psicanalistas se prestaram a ser fagocitados por uma medicina cujos médicos eles frequentemente denunciavam. Os jovens hoje revolucionam essa prática, propondo um quadro radicalmente diferente do da medicina tradicional, mais próximo das tradições populares, à vista de todos, mas preservando a intimidade do colóquio singular. Mantendo a associação livre de seus interlocutores e sua própria atenção flutuante, sua prática permanece tão psicanalítica quanto qualquer outra. Não são solução para o problema da saúde mental no Brasil, mas oferecem um modelo de ação coletiva solidária no espaço público, hoje dolorosamente carente. No meio de um verão quente, são uma lufada de ar fresco. Que nossos nomes estejam entre os deles.

RESISTÊNCIA DOS PSICANALISTAS NO BRASIL

REVER A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE²¹

Prado de Oliveira

Quem se interessa por política, base de nossa vida comum, sabe que se estabeleceu no Brasil um regime de extrema direita, fascista e colonial. País de progresso, cordial, acolhedor e caloroso, cheio de inovações culturais até há pouco tempo, o Brasil é hoje um país em extrema regressão, banhado em ódio e na exclusão do outro. O país da mão aberta torna-se o país do punho fechado, cujos dedos apontam um ameaçador revólver.

Diante dessa loucura, assistimos ao surgimento de movimentos populares dos quais psicanalistas participam de forma inédita, abandonando tradicionais brigas e divergências. Dez deles, ou amigos da psicanálise, contribuíram para “Psicanálise na tormenta: brasileiros testemunham”²². Alguns destes artigos evocam a experiência de uma psicanálise “de rua”, que desde então se afirma e se confirma.

Traumatizados pela extensão e profundidade do trabalho cultural e pedagógico realizado pelos teólogos da prosperidade e pelas novas igrejas neopentecostais, os psicanalistas finalmente compreendem que este trabalho poderia e deveria ter sido deles. A partir daí, eles se estabelecem no povo, recuperando o antigo significado original da palavra populista. O Brasil vive assim uma experiência interessante: clínicos desafiam antigas estruturas médicas alienistas adotadas pela psicanálise, com seus divãs e discretas iluminações, e propõe novas estruturas, próximas das tradições populares, acolhendo pacientes sob árvores frondosas como curandeiros faziam na África, ou nos cantos e recantos de praças, criando experiência de psicanálise de rua. Outros integram decididos movimentos de massa que despertam ou se consolidam, como o movimento de Psicanalistas Unidos pela Democracia (PUD)

²¹ O presente artigo não faz parte da edição da *Revue Psychologie Clinique*. Foi enviado diretamente pelo autor e em razão de sua afinidade com o tema a editora decidiu inseri-lo nesta coletânea.

²² *Psychologie Clinique*, 47, 2019/1, 181-194.

no Rio²³ ou Psicanalistas pela Democracia em São Paulo. Psicanalistas agora vão às ruas ouvir moradores, alvos da política genocida desencadeada pelo atual governo, ou participam da criação de novo espaço público onde sua prática é revelada e demonstrada, exercício de conversa, em sintonia com a paixão dos brasileiros.

As notícias chegam e não param de chegar. Em Brasília, psicanalistas atendem em estações rodoviárias ou na beira do lago²⁴; em Porto Alegre, é na Praça do Centro Histórico²⁵; em São Paulo, a Praça Roosevelt é transformada em divã ao ar livre²⁶; em Cuiabá, no Mato Grosso, psicanalistas recebem a céu aberto²⁷.

Em 2016, ano do golpe civil de Estado, Gabriel Tupinambá, do Círculo de Estudos Ideológicos, que busca tratar de questões psicanalíticas com os sindicatos, apresenta um “Projeto de Psicanálise Popular ou: É necessário ser comunista para ouvir o sofrimento social?” Sabe ele que reproduz velhas preocupações de Wilhelm Reich, apoiado por Freud²⁸?

Jovens associações de psicanalistas se unem às mais tradicionais, organizando reuniões conjuntas em defesa da democracia ou o colóquio “Política da Psicanálise”, onde Marta Ferreira apresenta um emocionante “O psicanalista no intenso agora”, questionando a prática da neutralidade analítica enquanto fuga de responsabilidades políticas, como o fizera Denise Maurano em seu artigo “Neutralidade, negligência, abstinência do analista”²⁹,

A excelente revista mexicana *Teoría y Crítica de la Psicología*³⁰ abre suas páginas aos brasileiros em 2019 e é uma colheita de artigos e autores que questionam antigas e expõem novas práticas: “A experiência brasileira da psicanálise de rua”³¹; “Notas sobre o horizonte crítico da psicanálise de rua”³²; “Relatório da experiência da

²³ Lançados no Rio pelo Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP) e em São Paulo por professores da USP, esses movimentos reúnem hoje cerca de uma centena de instituições psicanalíticas de todas as tendências.

²⁴ *Correio Braziliense*, 21.06.18

²⁵ *Gaúcha Atualidade*, juillet 2019.

²⁶ *Folha de São Paulo*, 4 février 2019.

²⁷ *Globo.com*, 7 février 2019

²⁸ S. Freud, P. Federn, *Cartes postales, notes et lettres (1905-1938)*, trad. B. Lévy et C. Woerle, Paris, Ithaque, 2018, pp. 140, 148.

²⁹ *Psychologie Clinique*, op. cit., pp. 186-187.

³⁰ <http://teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/issue/view/15>, Facultad de Psicología de la Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, Morella, Michoacán.

³¹ Augusto Coaracy e Thessa Guimarães.

³² Thessa Guimarães, Ronai Jardim.

psicanálise de rua”³³; “Experiência clínico-política num espaço público”³⁴; “Questões subjacentes à psicanálise em territórios de violência política”³⁵. É impossível mencioná-las todas, mas não esqueçamos “Pulou a catraca e foi ao psicanalista”³⁶. Recentemente, uma após outra, às formulações sobre uma experiência de psicanálise de rua na Praça Roosevelt³⁷, apresentando impressionante teorização ético-psicanalítica, se contrapõe entrevista mais pragmática, próxima à prática³⁸. Os gêneros não são os mesmos, é claro, mas a pergunta insiste: que língua falam os psicanalistas? Gíria técnico especializada ou idioma corriqueiro, próximo dos assuntos que pretendem abordar? Sendo a psicanálise filha de pensadores europeus distantes, não se familiariza com pensadores próximos de onde se encontra, capazes de revigorá-la com rica linguagem de inspiração popular, como, no Brasil, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos ou Machado de Assis? Já foi assinalado que a psicanálise nasceu e cresceu durante muito tempo com linguagem fluida e acessível. A prosa de Freud é mais próxima da de Schnitzler do que da dos cientistas de seu tempo, inclusive Ferdinand de Saussure, que ignorou. Da mesma forma, pode o imaginário de referência teórica da psicanálise de rua ficar confinado ao eterno eixo Freud-Lacan, ou deve abrir-se e incluir outros pensadores? Quando um Congresso Internacional de Educação Popular convida psicanalistas de rua a compartilhar suas experiências, seria interessante interrogar as possíveis pontes entre psicanálise e o pensamento de Paulo Freire, por exemplo, pois em ambos os casos o saber reside com o sujeito e não com o especialista. Seja como for, a partir de agora, essas experiências de resistência nos desafiam a rever nosso percurso.

REVENDO A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE

Para compreendê-los melhor, somos levados a rever a história da psicanálise, que deixa de ser uma história da burguesia vienense e volta a ser a história da

³³ Tainá Pinto.

³⁴ Adriana Marino e Augusto Coaracy

³⁵ Anna Turriani

³⁶ Daniel Guimarães, *OutrasPalavras*, 1/2019.

³⁷ Adriana Marino e Augusto Coaracy, “Psicanálise na Praça Roosevelt: formulações sobre uma experiência”, *Lacuna*, 1, 2020.

³⁸ Marta Ferreira, Lauro Baldini, Marcos Barbai, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, e Tykhe Associação de Psicanálise <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/01/20/coletivo-leva-psicanalise-e-acolhimento-estacao-cultura-em-campinas>

ascensão social dos imigrantes da Galiza, o terceiro mundo esquecido do Império Austro-Húngaro. Pois tem as suas raízes entre os subalternos deste mundo atrasado, entre os judeus colonizados que emigram para o centro do Império, ajudando os subalternos e os reprimidos a falar, antes de reivindicar a ascensão à respeitabilidade burguesa e à sua ciência, onde correu o risco de perder a sua alma. Onde estava até a alma dela? O projecto de descolonização destes imigrantes equivalia ainda a identificarem-se com o colonizador, o que fizeram de forma tão completa que a partir daí, embora conhecendo as suas origens, foram esquecidos nas suas consequências. E a história da psicanálise também se torna uma história burguesa.

Como outros fizeram na Alemanha nazista, com o apoio de Freud, os psicanalistas brasileiros estão hoje assumindo o que pode ser revolucionário na psicanálise. Pode ser revolucionário sem política? Podemos superar nosso passado traumático e traumatizado de escravidão, colonização e guetos sem interesse na política e sem a contribuição da psicanálise? E pode a psicanálise retornar ao que era revolucionário sem retornar ao seu núcleo original do sonho de descolonização?

Lembramos que Ernst Federn praticou psicanálise em campos de concentração onde esteve internado por quase dez anos, a partir de 1936³⁹? E para onde Freud lhe enviou dinheiro através do seu pai, Paul Federn. Na verdade, os psicanalistas sempre foram capazes de manter viva sua disciplina, mesmo em condições extremas. Para isso, tiveram que romper com quadros estabelecidos, tanto institucionais como médicos, a fim de criar outros quadros mais capazes de responder a novas ameaças; também tiveram que enfrentar resistências, não sendo a menor delas, escusado será dizer e é verdade no Brasil, que não eram estranhas às suas instituições, nem à sua compreensão em teoria do que faziam na prática. Herdamos pensamentos que ameaçam a novidade das ações atuais com o peso da especulação antiquada. Por isso é melhor continuarmos atentos aos fatos disponíveis e à incandescência da clínica psicanalítica, prontos a revigorar nossas teorias.

³⁹ E. Federn (1990), *Witnessing Psychoanalysis: From Vienna back to Vienna via Buchenwald and the USA*.

PSYCHOANALYSIS IN HELL - BRAZILIAN TESTIMONY

ABSTRACT

Some testimonies exist about the impact of fascism ascension over the practice of psychoanalysis and the reflections of those close to it. Rarely have they been so intimate with the cyclone. How do psychoanalysts react in their clinic under the impact of virulent hate discourses? And those who are pointed by these discourses, niggers, homosexuals, among others? For we know that hate seek to destroy all that are not his, for it is exclusion at its heights. We present here some answers of Brazilian psychoanalysts and friends to these questions.

KEY-WORDS: Clinic; struggle; populism; fascism; psychoanalysis

LA PSYCHANALYSE DANS LA TOURMENTE

DES BRÉSILIENS EN TÉMOIGNENT

RÉSUMÉ

Des témoignages existent sur l'impact de l'ascension du fascisme sur la pratique de la psychanalyse et sur les réflexions des groupes d'intellectuels qui lui sont liés. Rarement ont-ils été si proches de la tourmente. Comment réagissent les psychanalystes dans leur clinique sous l'impact d'un discours de haine virulente ? Et ceux-là même qui sont pointés par ce discours, les nègres, les homosexuels, entre autres ? Nous savons que la haine vise à éliminer tout ce qui ne lui appartient pas, car elle est exclusion maximale. Nous présentons ici quelques réponses de psychanalystes et amis brésiliens à ces questions.

MOTS-CLÉ : Clinique ; lutte ; populisme ; fascisme ; psychanalyse

RECEBIDO EM 15/12/2019

APROVADO EM 10/02/2020

© 2020 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO

Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php